

Caminhos Possíveis Entre Ética e a Psicoterapia Fenomenológica Existencial

Caminos Posibles entre Ética y la Psicoterapia Fenomenológica Existencial

Possible Roads Between Ethics and Existential Phenomenological Psychotherapy

Danielle de Gois Santos Caldeira

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0772-7942>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Rio Grande do Norte/Brasil

Elza Maria do Socorro Dutra

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0225-9836>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Rio Grande do Norte/Brasil

Resumo

O presente trabalho discute dois temas da clínica psicológica: ética e prática psicoterapêutica. Contemporaneamente, estes temas são acompanhados dos impasses humanos frente às exigências de adequação e objetividade. Eticamente os seres humanos organizam suas vidas anteriormente à consolidação da ética como disciplina e da legitimação desta nos códigos de conduta profissionais de diferentes ciências. Contudo, a ética no cotidiano alcança sentidos diversos às regras e aos deveres; é sobre estes sentidos que se dedicou este trabalho. Particularmente, no modelo psicoterapêutico inspirado na Fenomenologia Existencial, a ética foi exposta através de modos de ser do humano na convivência com os impasses próprios da existência. Assim, o trabalho psicoterapêutico foi destacado no convite para atualizarmos os exercícios de pensar e sentir sobre os modos como os seres humanos habitam o mundo. O método apoia a psicoterapia fenomenológica existencial na medida em que inspira o caminho percorrido neste trabalho que se pretende mostrar atento à compreensão da experiência cotidiana, especialmente, na sensibilização dos profissionais e dos clientes quanto às relações estabelecidas entre razão e sentimentos (afetos) desestabilizando as certezas absolutas e crenças antecipatórias quanto ao modo como nos organizamos. Metodologicamente, elegemos algumas direções adotando a descrição dos acontecimentos como conteúdo de investigação, associando a esta compreensão-interpretação como ações combinadas a fim de possibilitar abertura de sentidos para as experiências anunciadas pelo e para o cliente. O encontro psicoterapeuta/cliente e o modo como a experiência psicoterapêutica foi conduzida são expressões éticas de uma perspectiva que incentiva a abertura de possibilidades quanto ao estar-com do homem no seu cotidiano.

Palavras-chave: Psicoterapia; Fenomenologia existencial; Ética; Martin Heidegger.

Resumen

El presente trabajo discute dos temas de la clínica psicológica: ética y práctica psicoterapêutica. Contemporáneamente, estos temas son acompañados de los impasses humanos frente a las exigencias de adecuación y objetividad. Eticamente los seres humanos organizan sus vidas antes de la consolidación de la ética como disciplina y de la legitimación de ésta en los códigos de conducta profesionales de diferentes ciencias. Sin embargo, la ética en el cotidiano alcanza sentidos diversos a las reglas y los deberes; es sobre estos sentidos que se dedicó este trabajo. En particular, en el modelo psicoterapêutico inspirado en la Fenomenología Existencial, la ética se expuso a través de modos de ser del humano en la convivencia con los impasses propios de la existencia. Así, el trabajo

psicoterapêutico fue destacado en la invitación para actualizar los ejercicios de pensar y sentir sobre los modos como los seres humanos habitan el mundo. El método apoya la psicoterapia fenomenológica existencial en la medida en que inspira el camino recorrido en este trabajo que se pretende mostrar atento a la comprensión de la experiencia cotidiana, especialmente, en la sensibilización de los profesionales y de los clientes en cuanto a las relaciones establecidas entre razón y sentimientos (afectos) desestabilizando las certezas absolutas y creencias anticipatorias, como nos organizamos. Metodológicamente, elegimos algunas direcciones adoptando la descripción de los acontecimientos como contenido de investigación, asociando a esta comprensión-interpretación como acciones combinadas a fin de posibilitar apertura de sentidos para las experiencias anunciadas por y para el cliente. El encuentro psicoterapeuta / cliente y el modo como la experiencia psicoterapêutica fue conducida son expresiones éticas desde una perspectiva que incentiva la apertura de posibilidades en cuanto al estar-con del hombre en su cotidiano.

Palabras clave: Psicoterapia; Fenomenología existencial; La ética; Martin Heidegger.

Abstract

The present work discusses two themes of the psychological clinic: ethics and psychotherapeutic practice. At the same time, these themes are accompanied by human impasses in the face of demands for adequacy and objectivity. Ethically human beings organize their lives prior to the consolidation of ethics as a discipline and the legitimacy of it in the professional codes of conduct of different sciences. However, everyday ethics reaches different meanings to rules and duties; it is on these senses that this work has been devoted. Particularly, in the psychotherapeutic model inspired by the Existential Phenomenology, ethics was exposed through the ways of being of the human in the coexistence with the impasses proper to existence. Thus, the psychotherapeutic work was highlighted in the invitation to update the exercises of thinking and feeling about the ways in which human beings inhabit the world. The method supports the existential phenomenological psychotherapy in that it inspires the path in this work that is to be attentive to show understanding of everyday experience, especially in the sensitization of professionals and clients on the relations established between reason and feelings (affections) destabilizing the absolute certainties and anticipatory beliefs regarding the way we organize ourselves. Methodologically, we choose some directions by adopting the description of events as research content, associating this understanding-interpretation as combined actions in order to allow the opening of meanings to the experiences announced by the client. The psychotherapist / client encounter and the way the psychotherapeutic experience was conducted are ethical expressions from a perspective that encourages the opening of possibilities as to the being-with of the man in his daily life.

Keywords: Psychotherapy; Existential phenomenology; Ethic; Martin Heidegger.

Introdução

A pergunta “como a ética pode contribuir com a psicoterapia?” nasceu antes do título do artigo. Esta indagação não é aleatória e seu propósito não é uma resposta fechada, incide na pertinência de aproximar ética e o exercício psicoterapêutico de inspiração na Fenomenologia Existencial (FE) de Martin Heidegger (1889-1976).

A ética diferencia-se de moral e se aproxima de reflexões quanto à possibilidade de correlação entre ética e psicoterapia. As questões de natureza moral costumam ser identificadas como valorativas positivamente ou negativamente nas expressões de juízos. Isto não caracteriza necessariamente um problema, a moral faz parte dos humanos na medida em que se relacionam e vivem em coletivo. Contudo, a atenção que se dedica às reflexões neste artigo diz respeito a como

racionalizamos e nos afetamos, como construímos as nossas impressões e compreensões diante da condição de abertura existencial correspondendo eticamente e não de forma restritiva valorizando nossas possibilidades de existir no mundo uns-com-os-outros.

O trabalho psicoterapêutico como lugar privilegiado para correspondermos de forma ética mobiliza a um convite ao cuidado dos humanos. Este auxílio incentiva a não perpetuação de abstenções no que se refere ao experimentar ativo da condição de estar-no-mundo-uns-com-os-outros. O fazer clínico nas psicoterapias, especialmente de inspiração na FE, não se resume a emitir soluções ou procurar causalidades na correspondência humano e mundo. Neste fazer clínico são acolhidas e desveladas possibilidades de existência de maneira a apoiar (sustentar) o aberto das experiências, assim contribuindo para mudanças e apropriação das relações. Neste sentido, o trabalho psicoterapêutico oferece suporte para os caminhos percorridos pelos humanos adotando no cuidado profissional um modo de apoio e estímulo para nos pensarmos e nos afetarmos sobre a coexistência de ser-no-mundo-com-outros. Nos passos que serão percorridos são dispensadas naturalizações ao mundo vivido, uma vez que na condição de seres finitos o nosso dinamismo exige atenção à maneira como pertencemos ao mundo e a nós mesmos de maneira refletida e contextualizada.

Método

A Fenomenologia inspira a confluência entre área de conhecimento e método. No trabalho psicoterapêutico esta confluência persiste exemplificando a atuação da Fenomenologia de origem na Filosofia, combinando-se com metodologias diversas oriundas das ciências modernas. Assim, encontramos no método fenomenológico uma atenção ao campo das humanidades e neste artigo enfatizamos o método fenomenológico na modalidade psicoterapêutica de perspectiva fenomenológica existencial. O interesse neste método no desenvolvimento de um trabalho

psicoterapêutico inspirado na perspectiva fenomenológica existencial ocorre devido a flexibilização quanto aos critérios científicos de investigação, de maneira que estes possam acompanhar as dinâmicas humanas, ao invés de outorgar as experiências que se moldem às representações como objetos naturalmente dados. Nesta seção, o destaque recai sobre a exposição do método fenomenológico como fundamento para a investigação e no esclarecimento das metodologias que embasam este trabalho, uma vez que o método utilizado neste artigo defende a psicoterapia na perspectiva fenomenológico existencial.

A Fenomenologia que inspira a área de conhecimento e o método adotados neste trabalho sustentou-se no filósofo Martin Heidegger. O filósofo destacou-se pelo seu espólio de reflexões que resgataram as questões da existência e o situou entre os mais importantes estudiosos do século XX. Heidegger não foi o pioneiro, nem o único, dedicado à Fenomenologia e às articulações entre esta e as ciências modernas. Foram relevantes as influências iniciais de Franz Brentano (1838-1917), e do rigor metodológico por parte de Edmund Husserl (1859-1938), ideólogo do método e mestre de Heidegger.

Em Heidegger, encontramos a investigação dos fenômenos, aproximando-os do cotidiano humano. Os fenômenos ocupam a posição de tudo aquilo que aparece e se manifesta na medida em que experimentamos nossa condição de existentes. Loparic (2004) destacou as teorias sobre o existir de base heideggeriana como uma aceitação incondicional da questão da finitude. Logo, a Psicologia, especialmente na prática psicoterapêutica, encontrou em Heidegger inspiração e embasamento para se distanciar de fundamentações cujo caráter reducionista privilegia comportamentos como unidades de medida na interpretação da condição humana.

Nos legados de Heidegger (1927/2012) conseguimos identificar preocupação na forma como a compreensão sobre a humanidade se construía. Além de evidenciar as questões da

existência, o filósofo tematizou sobre a atenção quanto ao enfrentamento da condição de seres finitos e mobilizados cotidianamente à objetividade. O método no tocante a fenomenologia hermenêutica heideggeriana reúne na sua hermenêutica a valorização da compreensão juntamente à interpretação. Esta priorização heideggeriana amplia as possibilidades de apropriação dos seres humanos quanto às diferenças e aproximações que dizem respeito às nossas relações.

Quanto ao método, Heidegger (1927/2012) ressaltou a diferença ontológica que explicita e integra existência e coisa, isto é, ser e ente não se caracterizando exclusivamente como separação. Destacamos nesta seção a relevância da diferença ontológica para o método psicoterapêutico na perspectiva FE chamando atenção para a não subserviência dos seres humanos às coisas, onde se supõe ser exequível igualar ou separar ser-humano (único na condição de existente) aos objetos.

Na contra mão de uma era que valoriza os critérios científicos que possam ser medidos, o trabalho psicoterapêutico convida a todos a refletir sobre os sofrimentos existenciais, não os restringindo ao ajustamento farmacológico e físico. Desta forma, as reflexões se manifestam não unicamente como tarefa intelectual, mas intervindo e mobilizando o desenvolvimento humano nas suas relações, destituindo-nos de determinação e de resignação quanto às nossas experiências e escolhas. O método fenomenológico heideggeriano ressalta a interpretação hermenêutica. Heidegger construiu a sua trajetória particular quanto ao método fenomenológico após se inspirar no método de seu mestre Husserl, que trabalhou a questão da descrição. Entretanto, Heidegger percorreu um caminho distinto daquele pensado por Husserl, distanciando-se do seu mestre em muitos aspectos, entre eles, o método, ao pensar o método fenomenológico hermenêutico, presente na clínica fenomenológica existencial. O método fenomenológico hermenêutico desenvolvido por Heidegger e no qual nos inspiramos para

auxiliar na psicoterapia fenomenológica existencial direciona uma atenção especial à compreensão como via de acesso à abertura existencial constitutiva dos entes humanos. A psicoterapia fundamentada na fenomenologia heideggeriana é trabalho de abertura, pois mudanças, surpresas e constatações não ocorrerão exclusivamente no que toca ao cliente e nem somente no percorrer dos 60 minutos de sessão.

Entre possíveis metodologias combinadas a este método é imprescindível tomarmos o contexto do ser que somos, reservando ao cliente a garantia de possibilidade de fala, onde este possa anunciar e ser acolhido. Por sua vez, desencadeia-se uma ocupação de si juntamente com o psicoterapeuta no atendimento clínico despertando para o tema da ética distanciada de obrigatoriedades e propositiva de aplicações. Eventualmente, o convite para aproximarmos a ética ao exercício psicoterapêutico recai em indagações do tipo: “quão éticos somos?”, este questionar pode ser indício para adotarmos direções. Na fenomenologia heideggeriana, o método aparece com um significado de caminho (Heidegger, 2009), isto exige-nos organizar e repetidamente ativar a coerência, leiam, sentido, o sentido do que está sendo vivido.

Juntamente, ao adotar o modo de pensar fenomenológico como conhecimento e método não quer dizer que as incertezas ou os sofrimentos vividos sejam expressos via dor física, padecer por justiça, pressão por adequação, cerceamento de proximidades relacionais, etc. O caminho fenomenológico não dispensa incertezas e sofrimentos, porém não situa à parte proposições de incentivo, modificações e auxílio na orientação aos humanos quanto aos modos de estar-no-mundo.

Nesta seção dedicada ao método como caminho sugerimos um projeto distinto àquele que norteia comumente a Psicologia, no qual são predominantes os métodos avaliativos de dados cuja finalidade é a adequação do cliente. Geralmente esses métodos convencionais

colaboram para a construção do real entendendo-o como situação fixa e causadora de possíveis patologias psíquicas, ao invés de compreender se tratar de um contexto possibilitador de restrição quanto ao modo de investigá-lo. Acrescentando a aproximação do método como uma espécie de caminho, as metodologias sugerem descrições detalhadas, convite ao questionamento reflexivo de como o cliente vive, acolhida ao anúncio das experiências do cliente, promoção de posicionamentos investidos de sentido diante da vida. Nas seções seguintes passamos ao desenvolvimento dos temas principais do trabalho.

A presença da ética nos modos humanos de experimentar o mundo

Somos éticos, mas será que seres humanos se perguntam sobre a ética? Não existem garantias afirmativas ou negativas de resposta à indagação. Na atualidade, qualquer humano letrado na consulta ao dicionário encontra uma definição para ética. A indagação sugerida não é pela questão “o que é ética?” Além disso, devemos considerar contextualizações, ser ético no Brasil é distinto de ser ético na África ou na Austrália. A sugestão que acompanha a afirmação “somos éticos” não é tentativa de universalizar a ética, justamente, chama atenção a consensualidade de enquanto seres humanos estarmos em correspondência e cooperação uns com os outros.

Constituindo éticas

Não é alheia às sociedades a disseminação das normas para a vida em grupo, nós humanos nos apoiamos nestas normas e na crença de que seguindo estes critérios não chegemos às situações limites de nos vermos aparentemente sozinhos nas tomadas de decisão. Assim, vamos abrigando em nós as regras às quais devemos seguir e que deveriam funcionar, até mesmo, quando não existe outro humano nos observando. A ética que nos dispomos a discutir não é a reunião destas regras, e sim nosso meditar a

partir das regras quanto ao nosso agir, somos nós que continuamos ativos e não somos substituídos pela expressão de leis, ou pelo menos não nos reconhecemos e nos obrigamos a agir de tal modo.

Ressaltamos que ao nos referirmos à ética, não estamos falando de regras impostas, e sim chamando atenção para os critérios que nos podem guiar. Percebam que isto não quer dizer que regras implícitas e explícitas sejam inicialmente ruins. O alerta que subjaz à ética, muitas vezes, resume-a a uma disciplina filosófica inaugurada por Platão (428 a. C, 348 d. C) e Aristóteles (384 a. C, 322 d. C), no entanto, é importante frisar que antes da disciplina os gregos já viviam a ética (Camps, 1999).

Os filósofos deram origem ao que o mundo filosófico conheceu como a principiante ética da virtude, descrita por Aristóteles (1852/2015) quanto ao surgimento do centro do valor moral do homem que age. Segundo Silva (2013), este movimento de Aristóteles e de Platão se tornou conhecido na Filosofia como intenção, exercício que leva o homem a agir. Contemporaneamente, Costa (2006) declarou que “Aristóteles via a virtude como um justo meio entre um extremo de excesso e outro de falta, medidos de acordo com a situação [...] Ele comparava a virtude à habilidade de acertar flechas no alvo; não é algo que dependa de teoria, mas de uma prática” (p. 16).

Na impossibilidade de dissociar razão e moral, a Psicologia é interpelada a explicar as ações morais e as consequenciais de normas sociais serem ou não cumpridas. La Taille (2006) apresentou moral envolvendo-a com os deveres numa proposta de moral universal possível. Para La Taille (2006), “falar em moral é falar em deveres, e falar em ética é falar em busca de uma ‘vida boa’, ou se quiserem de uma vida que ‘vale a pena ser vivida’ [...] mostrando que o papel da dimensão afetiva da ação moral tem raízes nas opções éticas dos indivíduos” (p. 30, aspas do autor). No posicionamento de La Taille, encontramos uma retomada da concepção de

moral em Immanuel Kant (1724-1804), Émile Durkheim (1859-1917), Jean Piaget (1896-1980), grandes nomes para a Filosofia, as Ciências Sociais e nos estudos de desenvolvimento e aprendizagem humana, frequentemente, referidos durante a formação em Psicologia. Ademais em Kant (1785/2014) encontramos desdobramentos da inicial ética da virtude de Aristóteles que se propôs a ser prática e objetiva ressaltando a dedicação por visitar éticas deontológicas e responder às questões relacionadas ao cumprimento ou não de regras. Kant criou o imperativo categórico de que o humano deve ser considerado como fim em si mesmo assegurando-o avaliar regras sem ser aludido como meio (instrumento) no alcance de objetivos.

A pergunta que a moral desencadeia gira em torno de como devemos agir e habitualmente a resposta é regida por explicações. A ética não resguarda para si este lugar de explicações, defendemos que em seu cerne estão questões existenciais e não medidas de como devemos viver. Quanto à expressão ‘vida boa’ notificada por La Taille (2006) lemos a vida sentida referindo-se à vida compreendida, tendo em vista o alargamento da condição humana. Distinguindo ética e moral na compreensão dos temas, a ética conserva as ações “de ser” como se envolvem de sentidos, por sua vez, a moral conserva as ações do “ter de”, adequação de um agir na obrigatoriedade de execução de um dever.

Ao investigar a ética não negligenciamos da moral e sim permanecemos em alerta à tentativa de banalização dos problemas morais. Cotidianamente, a ética encontra-se próxima do modo como vivemos e pode ser alvo de interesse para a Psicologia Clínica sem recair no risco da ética na psicoterapia ser abafada em detrimento de respostas sugestivas ao *setting* terapêutico, ou então, o anúncio da ética se concentra exclusivamente nos debates de divulgação do código profissional e de mecanismos de punição a infrações.

O sociólogo Bauman (1997) dialoga neste artigo na afirmação:

o pensamento e a prática morais da modernidade estavam animados pela crença na possibilidade de um código ético não ambivalente. Talvez ainda não se tenha encontrado esse código [...] o código ético a toda prova universal e fundado inabalavelmente – nunca vai ser encontrado. Mas com certeza ele está à espera na virada da esquina. Ou na virada da próxima. (p. 15).

Bauman alertou para a condição de ambivalência moral que acompanha os humanos e a impossibilidade de uma moral universal. Não se trata de negar a pluralidade de normas que nos acompanha, longe disso, ao admiti-las assumimos as solicitações cotidianas caminhando uns-com-os-outros. Este caminhar é coerente às influências que provocamos em nós e nos outros.

Além dos estudiosos citados dedicados à ética evidenciamos que o caminho percorrido pela ética de Kant inspirou outro importante estudioso das questões existenciais, Jean Paul-Sartre (1905-1980). Sartre (1970/2012) discorreu sobre a possibilidade de uma ética envolvendo o tema do comprometimento. Atualmente, entre os estudiosos sobre o tema da ética e dialogando com a Psicologia, citamos: Boff (2003) preocupa-se com a refundamentação da ética e da moral; Figueiredo (1995, 2009) implica-se com questões sobre formação em Psicologia, o trabalho dos psicoterapeutas, a vigência dos códigos de ética profissionais; Silva (2001) defende a ética na Psicologia Clínica voltando-se ao cuidado oferecido; Safra (2004, 2009) envolve-se na defesa da condição ética humana possibilitando o humano de acontecer; Dutra (2004) resgatou o pensamento fenomenológico quanto às implicações do psicólogo em suas ações; Coelho Júnior (2007) argumentou relações entre ética e técnica para a Psicologia; Maia (2009) no livro que organizou com o tema do cuidado psicológico quanto à clínica e a cultura destacou a defesa de uma ética do cuidado, entre outros.

A ética não é única e exclusivamente um código profissional ou proposta de ética deontológica. Esta última, presente nas outras ciências com lugar privilegiado, desencadeia a ideia de que não é no nível de intenções que encontramos o cerne das questões diárias, mas ao nível das ações. Esta modalidade ética deontológica constituiu-se na Idade Média e Modernidade, influenciada pelo monoteísmo judaico cristão (Camps, 2006) e continua atuando como fonte para avaliação das ações boas ou más, sugerindo regras e normas. Na ética deontológica são perpetuados os pensamentos aristotélico e platônico enfatizando as regras morais para guiar ações.

A ética nos conduz por caminhos que não possuem fim determinado, mas desenvolvem modos não definitivos de atualizar questionamentos sobre o existir, sobre as ações humanas e amplia compreensões quanto ao modo como estamos habitando as experiências e o mundo. Anteriormente a Aristóteles, o conceito filosófico de ética entre os gregos já se cingia como o fazer humano, sua postura e sua atitude (Camps, 1999). No contemporâneo, como a ética nos situa? Qual o caminho? Talvez um caminho ético, contudo esta noção pode ou não reincidir multiplicando regras ou normas. Objetivamente, num trabalho psicoterapêutico apoiado na FE observa-se que a ética como tema não foi priorizada nas investigações de Martin Heidegger. Habitualmente, reconhecemos a palavra ética nas atitudes naturais que são aquelas que tentam constatar algo. No entanto, o destaque à reincidência da ética nas atitudes naturais associamos que se encontre apoiada na objetivação da ética. Não é intuito de uma psicoterapia de fundamentação FE a constatação da ética como se fosse um objeto ou mesmo um fim em si próprio, e sim despertar caminhos éticos abrigados em critérios no convívio com nossa condição de seres finitos.

A ética no contexto pós-moderno não é uma questão exclusivamente burocrática. Na sequência das argumentações, a ética não representa uma utilidade na prescrição de

direitos e de deveres para um código de ética profissional. Hodge (1995) salientou a não adoção da ética e dos modos de ser numa única direção de interpretação, mas constituída de duplicidade. Esta ideia ilustra oportunamente a diferença ontológica presente em Heidegger, alertando-nos sobre a condição diferenciada do *Dasein*, pois *Dasein* refere-se ao ente humano, sendo único entre os entes, capacitado para questionar o sentido de ser ininterruptamente perene à condição de provisoriedade do seu existir. Lembrando que o sentido de *Da-sein* em Heidegger inaugurou “um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que se lhe fala a partir de sua clareira” (Heidegger, 2009, p. 33).

No final do século passado, o esquecimento do sentido do ser heideggeriano foi preterido e acompanhamos a super valorização do ser-humano acrescida da normatização de como ele deve agir, negligenciando o sentido de existirmos. Afirmar como deve agir, prática comum entre ciências, é diferente de nos posicionar atentos às maneiras como existem os humanos. Ocasionalmente, nos referimos aos deveres e aos códigos para regulamentar os humanos e não prioritariamente referimo-nos ao modo como estes vivem, suas inquietações e sentidos investidos nas experiências. A ética defendida é oportunidade para tematizar, acompanhar e modificar esta não prioridade nas relações entre humanos e mundo.

Heidegger (2009) rejeitou a ideia de construção de uma ética a partir da tecnologia. A ética inspirada no legado heideggeriano mantém ativa cautela com o humano. O cenário mundial durante os Seminários de Zollikon (1959-1969) convivia com impasses frente ao cuidado humano e que persistem ainda hoje. De um lado, um convite para aproximações entre existir e tecnologizar-se. Do outro, a condução do humano por regras inflexíveis e quando ocasionam alguma ameaça acompanhamos a substituição não das regras, mas do alvo de interesse. O perigo referido pelo filósofo era circunscrito diante das regras inflexíveis, sinalizando que os seres

humanos podiam ser confundidos como estruturas tecnológicas. Heidegger (2007) declarou:

A moderna teoria física da natureza é a preparação, não da técnica, mas da essência da técnica moderna. Pois o recolher que desafia no desabrigar requerente já impera na física, embora propriamente ainda não se manifeste nela. A física moderna é, em sua proveniência, a desconhecida precursora da armação. Por muito tempo a essência da técnica moderna ainda se oculta, mesmo ali onde máquinas de força são inventadas, onde a eletrotécnica e a técnica atômica são colocadas em curso. [...] Tudo o que é essencial, não somente o essencial da técnica moderna, em todos os lugares se mantém oculto por mais tempo. Não obstante, permanece referido a seu imperar enquanto o que antecede a tudo: o que é primordial. Disso já sabiam os pensadores gregos quando diziam: o que em relação ao florescer imperante é mais primordial somente mais tarde torna-se manifesto para nós, homens. Aos homens, a madrugada inicial se mostra apenas no final. Por isso, há no âmbito do pensar um esforço para pensar de modo ainda mais inicial o que foi pensado inicialmente. Isso não significa a vontade insensata de renovar o passado, e sim a preparação sóbria para a admiração diante do chegar da madrugada. (p. 386).

No destaque do filósofo sobressai a alusão para refletirmos sobre a dimensão da técnica no mundo e que neste trabalho distinguimos como sinais de uma crise ética.

Ética nas experiências humanas

Ser ético possivelmente advém dos modos de sustentarmos nossas correspondências e cooperações entre nós e o mundo que constituímos e habitamos. A ética

não individualizada expõe os modos como nos relacionamos conosco e com o mundo. Assim, para investigar a ética optamos pelo interesse de suscitar coerência na aproximação dos contextos de vida privilegiando as singularidades vividas pelos humanos. O trabalho psicoterapêutico apoiado na fundamentação fenomenológica heideggeriana acompanha e auxilia a abertura existencial do ente humano dando ênfase aos modos como nos habituamos à cegueira especial aos fenômenos afetivos e pensamentos demasiadamente complicados oriundos da nossa era tecnológica. Assim, compreendemos uma leitura sobre a ética no que concerne aos sentidos, às coerências nos modos como nos organizamos e apoiamos a fim de experimentar sermos nós atuantes reflexivamente considerando nosso existir, portanto, a defesa de Heidegger (1927/2012) quanto a termos em vista nossa finitude e nossa condição de projeto.

É possível observar nas reflexões expostas que a partir da investigação de natureza compreensiva sobre a ética não aludimos à valorização moral na execução da ação. O modo como ressoam leituras sobre a ética nem sempre se mostram de interesse social, uma vez que crescem reproduções dos manuais e códigos de conduta, na tentativa que estes garantam os deveres, preferências e a obediência às implicações nos seus usos. No contexto vigente onde ética compreensiva é abafada graças à urgência por soluções práticas e definitivas, há diligência para que os seres humanos se esquivem de refletir sobre suas decisões e convites por superação, anunciando a condição de não controle como avessa aos anseios por se tecnologizar.

Em seguida descrevemos situações da nossa condição humana em perigo de perder de vista critérios e não se posicionando coerentemente: o desligamento dos humanos das questões ambientais pode ter interesse em encontrar novas formas de explorar; a redução do ser humano a objetos que podem ser descartados diante da banalização da violência e da desumanização; os temores entre os humanos quanto à pertinência em confiar uns

nos outros; o anseio por se mostrar produtivo, que pode mascarar a insatisfação com tudo e a solidão; a superficialidade das relações expondo o prolongamento da imaturidade que acompanha a vida adulta; a supervalorização pelo acúmulo de bens materiais, tentativa constante de aumentar as compras para substituir afetos que não conseguem ser vividos, etc. São inúmeros os acontecimentos que poderiam ser enunciados, todavia, aludimos a estes e sugerimos uma questão: a ética nos abandonou? Investindo no trabalho clínico de fundamentação na FE para compreender nossas relações, problematizamos a questão da ética que não se esvaia sendo subterrada por objetivações quanto aos modos de refletir nossas ações. Consideramos inclusive, que o debate sobre o modo ético possível de ser habitado exceda os 60 minutos de sessão psicoterapêutica, desta maneira, o ente humano pode ser conduzido ao que em Heidegger (2009), o filósofo denominou solicitude libertadora, aquela que no cuidado desinteressado investe seus esforços para nos libertar ao nosso existir, de maneira não idealizada, e sim compreendida, investida de coerência quanto ao pensar e ao agir.

A ética presente no cotidiano se assemelha a possibilidade desta ser sentida, manifesta, e ao senti-la corremos o risco de contactar com nossos limites. Eticamente acontecemos, visto que estamos em permanentes encontros e envolvidos por possibilidades existenciais. Ao humano que indagamos sobre “qual caminho seguir?”, conciliam-se as posições de fazer parte e estar diante do mundo. Para compreender este mundo e este humano voltamos-nos ao cotidiano, ao mundo e ao existir falando de uma ética que se manifesta no modo como sentimos e como são declarados os sentidos aos quais nos apoiamos para organizar nossos encontros. Assim,

mundo significa inicialmente a soma do ente acessível, seja para o animal ou para o homem, variável segundo a abrangência e a profundidade da penetração [...] A ausência de mundo

de um ente diz agora: a ausência de acesso ao ente enquanto ente, que pertence ao modo de ser do ente em questão e que justamente caracteriza sempre a cada vez este modo de ser. Transpassado por este modo de ser, o ente em questão é sob o domínio desta ausência de acesso [...] Pois esta ausência de acesso possibilita justamente o ser específico, isto é, o contexto ontológico da natureza física material e a ordem de suas leis (Heidegger, 2011, pp. 249-254).

O risco que acompanha o esquecimento do sentido do ser é superado pelas ciências no entendimento de que as tecnologias ofertam respostas e soluções para os dilemas relacionais. Heidegger (2007), na exposição sobre a era da técnica, discutiu o esquecimento do ser no contexto predominante do saber científico para notificar os homens quanto aos seus modos de vida.

Heidegger (2007) trabalhou sobre a essência da era da técnica regida pelo princípio da *Gestell*, palavra alemã traduzida por suporte ou armação, no sentido de que há na era da técnica um resgate por nos sentirmos amparados e suportados, ao passo que se constata a deteriorização de relações, das leis que conhecemos e que preconizam universalidade e generalizações. Hodge (1995) expôs: “porque o mundo contemporâneo é o domínio do *Gestell*, do enquadramento rígido, o pensamento da transformação parece estranho, externo e altamente inimaginável, um desconhecido *Ereignis*” (p. 25). *Ereignis* descrito por acontecimento a partir de Hodge permite-nos inferir que nesses tempos onde exaltamos a tecnologia, nosso cotidiano é destinado às esquematizações nas quais calculamos o máximo que conseguimos.

A sentença acima referida exemplifica uma compreensão, apoiada na fundamentação fenomenológica heideggeriana, expondo o subverter da dimensão ética na construção de uma ideia de ciência e de vida moderna. Logo emerge outra dualidade, de um lado reduzimos a ética; de outro, requisitamos a ética nos

auxiliando no controle de tudo, inclusive de nós. A ética enquanto processo mantém-nos ativos e admitindo perdas, limitações, o não controle diante possibilidade de alteração da experiência. Despertamos para compreensões quanto à questão da ética associando-a ao desenvolvimento humano de maneira a oportunizar sua tematização sem antecipar ordens quanto ao agir, envolvendo-nos humanamente e abertos a transformações.

Na condição de humanos, nossos modos de agir se apoiam em processos de mudanças e dialogam com dois problemas heideggerianos: a questão do ser e a questão do que é ser-humano. Hodge (1995) auxilia-nos: “na era da tecnologia, a questão do ser torna-se mais inacessível aos seres humanos, porque as exigências feitas à linguagem na sua expressão das relações técnicas restringem as suas capacidades excessivas” (p. 110). Na condição de humanos permanecemos entes privilegiados pela possibilidade de nos questionarmos, mas em processo.

Os fazeres éticos na psicoterapia de fundamentação fenomenológica existencial

Nesta seção a temática dos fazeres na psicoterapia de fundamentação FE foi desenvolvida ao lado do tema da ética.

Uma ciência particular e a influência da Fenomenologia

Os dilemas que circunscrevem a história das práticas psicológicas enfrentam oposições entre localizar a Psicologia como ciência pragmática ou subjetiva. Acrescentar a esta configuração a temática da existência não é tema de interesse na generalidade de práticas psicoterapêuticas. Conforme argumentamos, ademais acrescentar o interesse pelas questões da existência, unimo-la à proposição de uma ética articulada ao trabalho psicoterapêutico.

Heidegger (2011) recordou-nos do lugar destinado à Filosofia e que resgatamos comparativamente na exposição sobre Psicologia e suas práticas. A Filosofia não é uma ciência, esta condição para os filósofos

seria redução de domínio. Para o saber filosófico este lugar de não ciência é singular e simultaneamente é compatível a sua coerência epistemológica, teórica e metodológica. Conquanto, para a Psicologia, ser ciência é garantia de lugar e aceitação social, apesar de não ser uma ciência equivalente às demais que apresentam objeto alheio ao seu investigador. Este aspecto sinaliza lugar e aceitação frágeis que pretendem ser revertidas articulando-se, por exemplo, com as neurociências.

As atitudes fundamentais no filosofar, quando requeridas por uma ciência como a Psicologia, são tendenciosas para um embasamento não explicativo e sim compreensivo. Assim, a Psicologia não repudia o lugar da ciência que explica, mas como estamos demonstrando, é possível acrescentar, para seu campo de atuação, modos compreensivos de observação, de interpretação das relações e a atitude fenomenológica, ampliando possibilidades de cuidado ao humano. Consoante Leal, Sant’Anna, Bueno, Souza & Sá (2010):

a suspensão do juízo na atitude fenomenológica promove uma abertura de sentido diante do fenômeno apreendido [...] Este tipo de suspensão pode também ser visto na psicoterapia através da suspensão e desconstrução de identidades restritivas do sujeito. Acreditamos que esta suspensão pode ser bastante profícua para o sujeito em atendimento, possibilitando-lhe uma ampliação da experiência de sentido e, conseqüentemente, maior liberdade (p. 635).

A atitude fenomenológica que foi defendida por Husserl, posteriormente com Heidegger, passou a orientar uma prática clínica de inspiração fenomenológica existencial heideggeriana, inaugurando posturas e atitudes opostas a representações idealizadas e absolutas. Heidegger se dedicou a reflexões sobre posturas zelantes quanto à compreensão, sendo esta somente possível ao ente humano graças a sua condição de

existente. A atitude fenomenológica husserliana já antecipava um exercício de libertação de restrições, uma vez que a liberdade que acompanha as nossas experiências representa um argumento que torna a atitude fenomenológica um critério disponível para a psicoterapia de inspiração em Martin Heidegger. A atitude fenomenológica, podemos pensar, anuncia uma possibilidade de cuidado diante do fenômeno apreendido. Nesse sentido, ressaltamos a condição existencial de tonalidade afetiva (humor). Para Heidegger (2011):

já percebemos que a assim chamada constatação objetiva de uma tonalidade afetiva é um empreendimento duvidoso, mesmo impossível. Consequentemente, também não há nenhum sentido em perguntar seja pelo caráter corrente, seja pela universalidade de uma tonalidade afetiva e em se preocupar por um longo tempo com a validade universal de uma constatação. (p. 78).

A tonalidade afetiva não se constata através da observação, partindo de uma atitude natural, porém fenomenologicamente é despertada e conjuntamente se manifesta,

despertar uma tonalidade afetiva diz muito mais deixá-la vir-a-estar desperta, e enquanto tal justamente deixá-la ser. No entanto, quando tornamos consciente uma totalidade afetiva, a fim de conhecê-la e de especificamente torná-la tão somente um objeto do saber, alcançamos o contrário de um despertar. Ela é, então, justamente destruída, ou, no mínimo, não é intensificada, mas enfraquecida e transformada (Heidegger, 2011, p. 80).

As diferentes escolas da Psicologia e as práticas psicoterapêuticas, com frequência se dedicam à explicação de sentimentos suscitados em experiências e neste artigo

relacionamos sentimentos às tonalidades afetivas. Esta referência às tonalidades nos posiciona numa abertura às questões existenciais de maneira que não restringimos o humano aos sintomas físicos e à procura de causas para as tonalidades. Segundo Heidegger (2011) “tonalidades afetivas são sentimentos. O sentir é, ao lado do pensar e do querer, a terceira classe de vivências. Esta classificação das vivências é estabelecida sob o embasamento da concepção do homem como um ser vivo racional” (pp. 85-86).

As investigações às obras heideggerianas sugerem uma ética expressa através dos modos de ser, por exemplo, a tonalidade afetiva acompanha os modos de nos relacionarmos. Por sua vez, uma análise da ética possibilitando ampliação dos modos de existirmos se trata de um projeto expansível sem vias de ser concluído. A ideia de que a ciência anteciparia a gestão das relações não é consensual e encontra impasses diante do modo como os homens existem. As ciências não apresentam restritivamente diretrizes para ser abolidas, pois demonstram eficácia nos diagnósticos de patologias ou no desenvolvimento de medicamentos e de instrumentos, etc.

A objetividade com que são mediadas as relações de cuidado ao humano nesta era tecnológica condiciona o ser a se tornar uma espécie de objeto. Interpretações quanto aos modos como conduzimos nossas vidas sob a égide da objetividade foram sinalizadas por Friedrich Nietzsche (1844-1900). Em seus escritos, Nietzsche (2008, 2011 e, 2012) diagnosticou os perigos e as contradições do niilismo para o homem. Não é resolutiva uma negação das tecnologias, o tecnológico não manifesta restritamente o técnico e o operacional, a era técnica constitui os homens e a noção de humanidade conhecida acompanha o cerne das tecnologias.

A ética e a técnica não são criações antropocêntricas com interesse no amparo às experiências. Sem segregarmos o humano em setores, destacamos que ética não é substitutiva da técnica, técnica não substitui

ética, ambas não são substituíveis pela razão ou pelos sentimentos. Fundamentalmente, o humano se constitui à medida que exercita sua correspondência entre estas noções citadas e outras não citadas como crenças, instituições, animais, etc. Neste sentido, somos éticos de maneira a abranger reflexões não conclusivas, e influenciados por tecnologias. Reconhecer que existem limites no entendimento do humano é ponto propulsor para seguirmos na defesa de apropriação do nosso estar-no-mundo frente às demandas por nos assemelharmos com artefatos em crescente produção. Evidentemente os fazeres dos psicoterapeutas não escapam as demandas no apoio a seres produtivos, inclusive uma psicoterapia inspirada na FE aspirando ao horizonte do sentido do ser não escapa as solicitações da era da técnica. Contudo, ao optarmos pela inspiração fenomenológica para a clínica, esforçamo-nos para não priorizar a emissão de explicações, previsões de resultados ou cura de comportamentos.

O esquecimento da dimensão da existência não foi proposição da Metafísica que admitia valorativamente os conteúdos existenciais como abstratos, o não questionamento sobre o ser é coerente dentro de sua proposta científico-natural. Ao privilegiar o fenômeno elegemos outro caminho que não é o de fundamentação na Metafísica, nesse caso a descrição do fenômeno é premissa para a Fenomenologia e para as ciências que se inspiram nela.

A priorização às experiências, entendendo que a partir delas podemos acessar os fenômenos, permaneceu de interesse para Heidegger nas suas pesquisas, posto que seu entendimento de existência se manifestava no ente que todos nós somos e que se apresentava em conformidade com o nosso cotidiano. Na leitura heideggeriana, o lugar de importância das experiências não reduz às relações a visão naturalista ou ao regimento da vida sob a égide da dicotomia cartesiana de René Descartes (1596-1650). Na defesa dos sentidos “construídos” nas experiências e narrados na psicoterapia, investigamos o revelar da ética.

Os fazeres éticos na psicoterapia

Salientar a ética, atenta aos limites humanos os quais nos singularizam, coexistindo via psicoterapia e promovendo auxílio, mostram-se modos de acompanhar e possibilitar outros olhares e posicionamentos. Intrínsecas a toda sociedade estão regras, direitos e deveres os quais acompanham nossa condição humana e contribuem para o ritmo singular, ao qual nos referimos como coerência, isto é, expressão dos sentidos quanto ao nosso estar-no-mundo. Costa (2006) conjugou o trabalho clínico da Psicologia e a ética. O lugar de encontro Psicologia e ética auxilia a defesa de que a ética não pode ser entendida isoladamente como uma avaliação moral; portanto, segundo Costa (2006), a ética se aproxima de um uso intelectual, mas não é apenas isso. Conforme sinalizamos, Psicologia e ética se encontram, assim, como lugar de encontro entre Psicologia e moral.

No contexto psicológico e psicoterapêutico, quando mencionamos ética, é demonstrada uma visão de mundo e uma direção que escapam aos determinismos coerentes a não imperiosidade de controle da ética, como se tratasse unicamente de uma disciplina curricular. Heidegger auxilia-nos a ponderar sobre o esforço filosófico frente aos cenários de incertezas que nos constituem, “ela só se dá a conhecer para aqueles que se lhe tornam intimamente aparentados, para aqueles que se esforçaram para alcançá-la” (Heidegger, 2011, p. 16). Sendo possível visualizar posicionamentos que relacionamos a postura terapêutica.

No mundo narrado pelo cliente, o humano que se revela, desvela os sentimentos por ele despertados nas suas relações, são expressões de coerência e organização que podem estar mais ou menos integradas, mais ou menos abertas, mas que não existem diferenciadas do sentir. A relevância ou destaque à ética é ativamente prática e reflexiva e se estende numa implicação política que comporta o não negligenciar de sermos éticos.

Hodge (1995) ponderou sobre ética e a Fenomenologia heideggeriana. Conjuntamente a Hodge, interpretamos que a ética incorpora o humano no seu modo de viver não o dividindo em setores, por exemplo, o indivíduo, o sujeito, o biológico ou o social, e sim conciliando o humano com ele mesmo, no sentido de auxiliá-lo nas decisões.

Para tanto, a ideia de *ethos*, originária dos gregos, é critério para refletirmos a ética que dialoga com o método fenomenológico na condução do trabalho terapêutico. O *ethos* foi revelado em Heidegger (2005) como residir ou morar, ao qual compreendemos no sentido de residência provisória. A provisoriedade deste habitar é referido lembrando-nos da impossibilidade de determinação e quanto a provisoriedade da condição de finitude que acompanha o ente humano. É profícuo considerar que esta referência de *ethos* como habitar nos revela um meditar, isto é, um demorar-se ético que conjuntamente é Ontologia Fundamental a qual pensa e critica o manifestar da verdade do ser conduzindo-nos ao lugar existencial que é abertura, uma espécie de permanente direcionar-se. Os fazeres éticos são as práticas éticas, modos de expressar à ética ou sua arte, relevantes na psicoterapia inspirada na FE, bem como para os fazeres das psicoterapias em outras fundamentações que admitem nossas reflexões e posicionamentos como moradas temporárias suportadas nas nossas práticas. Nestes modos de assistir se situam o acolher, emancipado da provisoriedade, impulsionando mudanças para outras moradas consigo e com os outros. Sobretudo, na FE, os indicativos formais heideggerianos conduzem a encontros psicoterapêuticos expressos na interpretação hermenêutica inaugurando através do diálogo entre profissional e cliente composições de possíveis transformações.

A dimensão ética da existência não se manifesta nas práticas profissionais (nos seus fazeres) alheia aos códigos e às prescrições. Outrora destacamos esta ideia, todavia independente da fundamentação que guie as práticas psicoterapêuticas, reforçamos que o diálogo entre o *ethos* dos gregos e os fazeres

psicoterapêuticos aprimorando recursos, metodologias e nosso comprometimento profissional e pessoal, atuam zelando a morada do cliente, a morada do psicoterapeuta, bem como do mundo em que habitamos.

Usualmente, na formação em Psicologia, somos influenciados por Descartes quanto à sua dicotomia e na concepção de sujeito de conhecimento; a partir desta influência adotamos a ideia do humano como possuidor de razão e de consciência. Acontece que esta humanidade não experimenta o mundo apenas ao nível de sua consciência, há conjuntamente aquilo que está no nível do pré-reflexivo. A psicoterapia age nesta passagem do pré-reflexivo ao reflexivo, exemplificamos isto quando afirmamos sermos éticos antes mesmo de conhecermos ética ou moral. Neste sentido, o psicoterapeuta, além de conhecer a ciência que estuda o humano, se dedica a refletir as experiências, esta ação requisita do profissional se aproximar de diferentes áreas de saber e de modos de experimentar o mundo.

A eficácia que geralmente é restrita à finalidade das práticas científicas, não deveria, no cuidado ao humano, se restringir a algo já dado e que os clientes precisam alcançar através de prescrições, pois as relações que norteiam os fazeres nas psicoterapias são amplos, envolvem histórias de vidas e inúmeras variáveis que se combinam e se repelem. Assegurar a uma técnica ou a um método o suporte a complexidade e eficácia no cuidado humano a nível de psicoterapia é uma dimensão que brilha aos olhos dos cientistas; entretanto, coloca em risco o esquecimento da dimensão de humanidade que os compõe. Na tentativa de diálogo entre a temática da ética e os impasses científicos aos quais não nos eximimos, analisamos e ponderamos sobre os procedimentos científicos no contato com o cliente a partir do *ethos*.

Figueiredo (1995) referiu: “pois bem, considerar o *ethos* como uma casa, como uma instalação, é ver nele, nos códigos, valores, ideais, posturas, condutas para consigo mesmo

e para com os outros algo equivalente à moradia” (pp. 142-143, grifo do autor). A prática psicoterapêutica, evidenciando modos de morar, nos remete aos confortos e desconfortos do lugar onde nos encontramos. Uma formação profissional que concilia sua atenção a temas como o cotidiano, o novo e o perecer, considera que não será o cumprimento irrefletido de códigos ou mesmo um esforço por repeti-los que nos isentará de existirmos na nossa singularidade.

O trabalho psicoterapêutico, a partir desta influência filosófica, mantém-se científico. Há uma autonomia neste processo, exigindo-nos rigor no cuidado desenvolvido diante da abertura que acolhe o cliente, na forma atenta que entramos em contato com as descrições e na formulação da sua análise. Este trabalho é incentivador de uma intermediação entre o método de investigação filosófica e as requisições científicas para analisar as relações humanas. O verbo que elegemos na problematização entre Filosofia e Psicologia é investigar, esta ação impulsiona leituras e compreensões-interpretativas que não são definitivas. Giorgi e Sousa (2010) advertem que “investigar é um não saber, uma indagação permanente, um olhar em constante abertura sobre o homem e o mundo” (p. 14) reforçando que nossa atenção para o conflito entre o movimento filosófico e as diretrizes científico-naturais não pode ser negligenciado, coexistindo contextualização e compreensão descritiva.

No trabalho psicoterapêutico a adoção da questão ontológica como fundamento impulsiona práticas acolhedoras diante da incerteza que nos acompanha quanto à imprevisibilidade de comportamentos, afetos, pensamentos, etc. O método não é somente um mecanismo a ser utilizado; aqui, ele foi demonstrado como exercício de investigar. Algumas perguntas podem ocorrer aos leitores quanto “aos fazeres éticos” e como são possíveis de serem investigados na psicoterapia. De um lado, sugerimos não pensar a experiência do cliente como coisa que possa ser mensurada, mas sim, como fenômeno descrito; quem fará a descrição

inicialmente é o cliente, bem como eleger quais pontos são mais importantes e o valor que esta experiência possui. Do outro, não partimos do pressuposto de que ele pode se enganar ou tente enganar o profissional, isto seria supor uma verdade na leitura ao acontecimento. O que o cliente revela é o conteúdo do trabalho.

A descrição se combina com o priorizar pela escuta e observação, pois toda descrição passa pela intermediação da linguagem na expressão de pensamentos e de afetos. No cenário narrado, convivemos com a possibilidade de encontrar uma pessoa que se supõe sozinha e distante do mundo regido por leituras de critérios naturalizados, fechados em juízos de valor e expectativas. Acolher esta narração não se trata de uma tarefa qualquer, visto que trazem desejos, sentimentos, dores, motivações ou receios por mudanças e anseios por segurança requisitados em número breve de sessões. O fazer-se ético do psicoterapeuta é inadiável, prepara-nos para o acolhimento, principalmente, quanto à atenção aos modos como diariamente somos livres, cuidamos e respeitamos a nós e nossas relações.

O fazer psicoterapêutico propõe que o acolhimento da narrativa-descrição não recaia numa internalização das questões. Esta direção no caminho da ética destina-se ao compartilhar com o psicoterapeuta porquanto o cliente é convidado a sair dos reforços por ideias individualistas amparado na noção fundamental de sermos seres-no-mundo-com-os-outros. Como fazer este convite? Na mesma perspectiva de acolher a narrativa anunciada, destacando ao cliente os pontos de rigidez nos seus modos de pensar, se afetar e se relacionar, questionando sobre como ele organiza aqueles pensamentos e avaliações, etc. O exercício compreensivo se apoia no compartilhar de outros caminhos que podem incluir as noções anteriormente construídas, contudo desta vez ampliando posicionamentos. Esta dinâmica é constante e visa atualizar a condição de abertura e questionamento do nosso estar-no-mundo.

Fazeres psicoterapêuticos acrescidos à ética são expostos como reflexões

materializadas no convite para que o profissional se implique na sua prática e na proposta de encontro com o outro. Realçamos que a ética é desafiadora das disposições do mundo dos prazeres e do atendimento de demandas morais. Neste sentido, os fazeres éticos psicoterapêuticos podem apoiar para ultrapassar conformações quanto às exigências morais, conciliando o esforço do exercício de pensar meditativamente e a ética como modo de vida afetada (sentida), atualizando projetos de vida não exclusivamente nos horários das sessões.

Considerações finais

Reflexões sobre ética auxiliam a proposição de um saber ético que nos perpassa e ao fazer do psicoterapeuta. Argumentamos sobre a possibilidade de pensarmos meditativamente, unindo razão e afetos, debatendo sobre humanidade e o fazer da psicoterapia de fundamentação na FE como

prática que exige discussão, construção e atenção às relações entre humanos e mundo.

A Fenomenologia que embasou a construção teórica e metodológica se opõe a influências que reiteram dicotomias antecipatórias de julgamentos para as experiências. Conforme expomos, o método se apresentou em metodologias emprestando à Psicologia bases para aproximação e desenvolvimento de pesquisas e do exercício de práticas profissionais. O artigo não propôs uma nova teoria sobre a ética, no seu desenvolvimento contamos com separação entre ética e moral com o objetivo de que o trabalho psicoterapêutico não partisse de pressupostos pré-estabelecidos. Neste trabalho, a ética aponta para uma organização e orientação de nossos projetos comportando valores (morais) sem o intuito de deveres. Assim, a ética, no encontro terapêutico e no cotidiano, auxilia a compreensão de ações pensadas e sentidas quanto ao modo que habitamos o mundo.

Referências

- Aristóteles. (1852). *Ética a Nicómaco*. In A. C. Caeiro (Trad.), (5ª ed.). Portugal: Editora Quetzal Textos Clássicos, 2015. (publicado originalmente em 1852) .
- Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. São Paulo, Brasil: Paulus.
- Boff, L. (2003). *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Camps, V. ed. (1999). *História de la ética. 1. De los griegos al Renacimiento*. Barcelona, Espanha: Editora Crítica/Filosofía.
- Camps, V. ed. (2006). *História de la ética. 2. La ética moderna*. Barcelona, Espanha: Editora Crítica/Filosofía.
- Coelho Júnior, N. E. (2007). Ética & técnica em psicologia: Narciso e o avesso do espelho. *Revista do Departamento da Psicologia da UFF*, 19(2), 487- 493. doi: [10.1590/S0104-80232007000200018](https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200018).
- Costa, C. (2006). Razões para o utilitarismo: uma avaliação comparativa dos pontos de vida éticos. In A. B. N. T. Meneses (Org.), *Ética, bioética: diálogos interdisciplinares*. Natal, RN, Brasil: EDUFRN
- Dutra, E. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(2), 381-387. doi: [10.1590/S1413-294X2004000200021](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200021)
- Figueiredo, L. C. (1995). Foucault e Heidegger – a ética e as formas históricas do habitar e do não habitar. *Tempo Social. Rev. Sociol. USP*, 7 (1-2), 139-149. doi: [10.1590/ts.v7i1/2.85214](https://doi.org/10.1590/ts.v7i1/2.85214).
- Figueiredo, L. C. (2009). *Revisitando psicologia: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes.
- Giorgi, A. & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa, Portugal: Fim de Século Edições.
- Heidegger, M. (2005). *Carta sobre o humanismo*. São Paulo, SP, Brasil: Centauro Editora.

- Heidegger, M. (2007). A questão da técnica. *Scienti & Studia*, 5(3), 375-398. doi:[10.1590/S1678-31662007000300006](https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006).
- Heidegger, M. (2009). *Seminário de Zollikon*. In G. Arnold, & M. F. A. Prado (Trad.). Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2011). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.
- Heidegger, M. (1927). *Ser e tempo*. In F. Castilho (Trad.). Campinas, Brasil: Editora da Unicamp; Vozes, 2012. (publicado originalmente em 1927).
- Hodge, J. (1995). *Heidegger e ética* (Coleção Pensamento e Filosofia). Lisboa, Portugal: Editora Instituto Piaget.
- Kant, I. (1785). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (Coleção Textos Filosóficos). Lisboa, Portugal: Edições 70, 2014. (Publicado originalmente em 1785).
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Leal, I. F. A., Sant'Anna, J. L., Bueno, J. C., Souza, L. R. A., & Sá, R. N. (2010). Atitude fenomenológica e atitude psicoterápica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(2), 633-637. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000200020&lng=pt&tlng=pt.
- Loparic, Z. (2004). *Ética e finitude*. São Paulo: Editora Escuta.
- Maia, M. S. (2009). *Por uma ética do Cuidado*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- Nietzsche, F. (2008). *Para além do bem e do mal*. São Paulo: L&PM Pocket.
- Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratrusta*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2012). *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Safra, G. (2004). *A Po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida: Editora Idéias & Letras.
- Safra, G. (2009). Dimensões do silêncio: a constituição do si mesmo e perspectivas clínicas. *Cad. Psicanálise-CPRJ*, 31(22), 75-82. Recuperado de [http://cprj.com.br/imagenscadernos/06.Conferencia de Gilberto Safra.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/06.Conferencia%20de%20Gilberto%20Safra.pdf).
- Sartre, J.-P. (1970). *O existencialismo é um humanismo?*. Lisboa: Editora Presença, 2012. (publicado originalmente em 1970).
- Silva, É. R. (2001). Psicologia clínica, um novo espetáculo: dimensões éticas e políticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(4), 78-87. doi: [10.1590/S1414-98932001000400009](https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000400009).
- Silva, E. J. (2013). A ética Aristotélica como caminho que conduz o homem a felicidade plena. *Revista Húmus*. 7(3), 74-86. Recuperado de <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1501>.

Dados sobre as autoras:

- *Danielle de Gois Santos Caldeira*: Psicóloga, mestre em Psicologia e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil), estágio doutoral na Universidade de Évora (UÉvora/ Portugal) no doutoramento em Filosofia. Bolsista Capes.
- *Elza Maria do Socorro Dutra*: Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia. Professora no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPgPsi) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil).

Agradecimento:

Agradecemos à Capes pelo financiamento através da bolsa de estudos concedida para a realização das pesquisas e ao PPgPsi pelo apoio administrativo e reconhecimento do desenvolvimento da pesquisa.